

17 FEV 1988

Sarney vai à guerra

O presidente Sarney procura romper o isolamento a que foi relegado fazendo grave advertência no seu programa "Conversa ao Pé do Rádio". O Presidente denuncia uma campanha de desestabilização do Governo, que procura explorar denúncias de corrupção, que considera vagas, e desmoralizar sua administração. Para o senador Edison Lobão, seu amigo do Maranhão, Sarney repetiu o que já disse de público: não renuncia, não se mata e nem acredita que venha a ser deposto por quem quer que seja.

A instituição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar denúncias de corrupção na máquina do Estado, quarta-feira passada, no Senado, seria parte de um grande plano para desestabilizar o Governo — na visão do Planalto — a partir da disseminação de uma imagem de corrosão moral generalizada.

Sarney parte para o contra-ataque. Não fica na defensiva. Crítica os constituintes por terem estabelecido no futuro texto que prisão só em flagrante delito. E lembra que o costume no Brasil é punir apenas pessoas pobres acusadas de pequenos delitos, enquanto os autores de grandes atos de corrupção são deixados livres para agir. O tom do pronunciamento é amargo e de permanente desafio. A muitos parece que a transição democrática caminha para uma fase de grave perturbação face à fatalidade de

um confronto entre o Governo e os seus adversários.

O Presidente precisa tomar a iniciativa sempre que surgir denúncias de corrupção. Este é um clima que pode abalar as bases de sustentação governamental. Há inquietantes rumores de fermentação na área militar, principalmente entre jovens oficiais, tenentes e capitães, revoltados com a prisão do capitão que ocupou a Prefeitura de Apucarana, no Paraná, enquanto nenhum corrupto sofreu qualquer sanção.

Os capitães são a grande base da formação militar. São eles os comandantes de Companhia e são eles os que mais se inquietam com mazelas dos nossos homens e instituições públicas. O Governo está sendo alertado pela cúpula militar para a fermentação que se registra entre os jovens oficiais em uma situação francamente inédita na história.

Este setor militar chegou a ter papel importante, durante o regime militar, em torno da candidatura presidencial frustrada do general Afonso de Albuquerque Lima. Foi abafado e contido pelo princípio da hierarquia a partir da ascensão ao Ministério do Exército do general Orlando Geisel, irmão do ex-presidente Ernesto Geisel. É um segmento militar considerado revolucionário, de tendências nasseristas. Algo que possui um poder político explosivo em uma hora de fragilidade de nossas instituições.